

HISTÓRIAS DO CÁRCERE: ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DAS NARRATIVAS DE DETENTAS DE UMA PENITENCIÁRIA FEMININA

STORIES FROM PRISON: LINGUISTIC-DISCURSIVE ANALYSIS OF THE NARRATIVES OF INTAKERS OF A WOMEN'S PENITENTIARY

Marta Helena Facco Piovesan¹, Marizethe Sousa Bezerra²

¹ Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Balsas, MA, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-1136-5991>
martahpiovesan@hotmail.com

² Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Balsas, MA, Brasil
<https://orcid.org/0009-0004-0251-0837>
marizethe.bezerra@gmail.com

Recebido em 12 jan. 2024

Aceito em 26 abr. 2024

Resumo: A problemática sobre mulheres no Sistema Prisional Brasileiro ainda é um assunto pouco abordado pela sociedade, inclusive pelos próprios órgãos e instituições responsáveis por esse âmbito. Isso acontece devido à mulher estar vinculada à imagem de vulnerabilidade e o contexto histórico confirma que é mais comum a inserção de homens como penitenciários. Porém, no panorama mundial, o Brasil ocupa a quarta posição dentre os países que mais encarceram mulheres no mundo. Sendo assim esta pesquisa propõe-se saber: Quem são essas mulheres? O que elas têm a contar? Quem foram antes e como se veem após o processo de reclusão? Que contribuições as suas narrativas trazem a outras mulheres na sociedade? Como se constroem discursivamente? Para isso analisa as histórias das mulheres que vivem em reclusão na Penitenciária de Balsas - MA para evidenciar os aspectos discursivos de suas narrativas. A metodologia adota abordagens de pesquisa qualitativa interpretativista, tendo como arcabouços teóricos os estudos de Análise de Narrativas e Análise da Conversação, ainda em se tratando dos procedimentos, é simultaneamente bibliográfica e de campo, realizada por meio de entrevistas narrativas. O discurso ganha destaque no que se refere à oralidade da língua e aos processos textuais da construção do texto falado que possibilitam conhecer os aspectos que compõem as identidades dos participantes de forma a evidenciar o grupo social representado pelas presidiárias. Os resultados revelam a importância do discurso para conhecer um indivíduo, sua trajetória e perspectivas durante a interação.

Palavras-chave: Mulheres encarceradas. Discurso. Análise da Conversação. Análise da Narrativa.

Abstract: The issue of women in the Brazilian Prison System is still a subject little covered by society, including by the bodies and institutions responsible for this area. This happens because women are linked to the image of vulnerability and the historical context confirms that it is more common for men to be included in penitentiaries. However, on a global scale, Brazil ranks fourth among the countries that incarcerate women the most in the world. Therefore, this research aims to find out: Who are these women? What do they have to tell? Who were they before and how do they see themselves after the incarceration process? What contributions do your narratives bring to other women in society? How are they constructed discursively? To this end, it analyzes the stories of women who live in prison at the Balsas Penitentiary - MA to highlight the discursive aspects of their narratives. The methodology adopts interpretive qualitative research approaches, using Narrative Analysis and Conversation Analysis studies as theoretical frameworks. Even when it comes to procedures, it is simultaneously bibliographic and field, carried out through narrative interviews. The discourse gains prominence with regard to the orality of the language and the textual processes of the construction of the spoken text that make it possible to understand the aspects that make up the identity of the participants in order to highlight the social group represented by the prisoners. The results reveal the importance of discourse in getting to know an individual, their trajectory and perspectives during the interaction.

Keywords: Incarcerated women. Discourse. Conversation Analysis. Narrative Analysis.

O recado que eu daria para minhas colegas é: não perca a esperança da mudança...porque se o sistema não tivesse me oferecido cursos... livros...não tivesse me oferecido palestras... se eu não tivesse aproveitado tudo que a unidade prisional me ofereceu... talvez hoje eu não estaria nem dando essa entrevista... eu seria ainda aquela ignorância... e eu acredito que quando eu chegar lá em casa... e abraçar meus maiores tesouros... eu vou estar melhor ainda do que eu estou agora... eu acredito fielmente nisso...

Uma detenta

INTRODUÇÃO

Falar sobre mulheres no Sistema Prisional Brasileiro ainda é um assunto pouco abordado pela sociedade, inclusive pelos próprios órgãos e instituições responsáveis por esse âmbito. Isto se dá, em parte, porque quando se pensa em sistemas penitenciários é difícil visualizar, nesse cenário, a inserção de mulheres, considerando toda uma concepção criada ao longo da história de que a mulher é um ser vulnerável, sensível, cuidadora do lar e, portanto, menos propensa a cometer atos de violência, homicídio ou de qualquer natureza que violem as leis que regem a sociedade.

Por outro lado, o índice, em menor escala comparado ao masculino, nas prisões, e o sistema penal voltado ao homem, não propiciam espaço para que se pense na mulher encarcerada, o que resulta no esquecimento das diferenças entre os gêneros em relação aos direitos específicos que devem ser destinados às detentas, consequentemente esses direitos são ignorados, raramente pensados, chegando a serem descartados. Essa situação deve ser estudada a fim de que se conheça quem são as mulheres que se encontram neste cenário levando em consideração o fato de que a conversação é o meio pelo qual pode-se investigar identidades sociais permitindo que se verifique nesse processo não apenas os recursos linguísticos dos indivíduos que dela participam, mas também todos os aspectos que envolvem esse ato comunicativo. Esse é um quadro que faz com que esta pesquisa se proponha a investigar o discurso de mulheres pertencentes a essa realidade para que se ouça, por meio de suas histórias e experiências, a voz de um grupo social esquecido pela sociedade, ressaltando a importância de que é um assunto que deveria ser abordado para que se compreenda por que essa população apresenta índices tão altos de encarceramento no país.

Assim, o intuito é averiguar por meio de suas histórias que discursos apresentam e que aspectos podem-se identificar na construção do perfil de uma parte pertencente a este grupo. Serão feitas, nessa perspectiva, análises linguísticas que compreendem o estudo dos gêneros orais e escritos. Serão abordadas as Análise de Narrativas e Análise da Conversação feitas a partir da fala das detentas, tendo em vista que as narrativas serão produzidas a partir das histórias pessoais de cada entrevistada, iniciando com uma pergunta pontual que introduzirá o discurso livre, de forma que, relatando suas histórias de vida, sintam-se à vontade na interação produzida a partir de suas narrações. Assim, busca-se analisar as histórias das mulheres que vivem em reclusão na Penitenciária de Balsas –MA para evidenciar os aspectos discursivos de suas narrativas a partir da Linguística Textual.

Dessa forma, as entrevistas narrativas com as mulheres encarceradas trazem relatos de experiências que tornarão visível a voz desse grupo social recluso, assim também como podem ajudar outras mulheres, na sociedade, que se identificam com algum aspecto ou com as situações veiculadas.

A princípio apresenta-se um histórico sobre as mulheres encarceradas no Brasil seguido do referencial teórico que provém do embasamento científico, dando espaço a autores importantes sobre a temática em questão. A seguir, apresentam-se tópicos referentes à linguística textual tendo como foco e Análise de Narrativas e Análise da Conversação, bem como a importância do texto falado e os aspectos linguísticos e interativos das narrativas no cárcere, fundamentais para a investigação do discurso das detentas.

AS MULHERES ENCARCERADAS NO BRASIL

Segundo dados publicados pelo Departamento Nacional Penitenciário (DEPEN), a partir do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN), o Brasil ocupa, no cenário mundial, a 4ª posição dentre os países que mais aprisionam mulheres, antecedido apenas pelos Estados Unidos, China e Rússia. Em relação à taxa de aprisionamento, que aponta o número de mulheres presas a cada 100 mil mulheres, o Brasil encontra-se na terceira posição entre os países que mais encarceram, sucedendo apenas os Estados Unidos e a Tailândia. Fundado em 2004,

o INFOPEN reúne dados estatísticos do sistema penitenciário brasileiro, através de um formulário de coleta sistematizado preenchido pelos gestores de todos os estabelecimentos prisionais do Brasil. É importante ressaltar que desde a criação do relatório a atenção e o direcionamento ao público carcerário feminino se deu apenas em 2014, como afirma o relatório do INFOPEN (Brasil, 2018, p. 10):

A 1ª edição do relatório havia sido lançada em 2014, a fim de traçar o perfil das mulheres privadas de liberdade no Brasil e dos estabelecimentos prisionais em que se encontram, visando cumprir a primeira meta da Política Nacional de Atenção às Mulheres em Situação de Privação de Liberdade e Egressas do Sistema Prisional.

É possível perceber, por meio desse exposto, que um olhar voltado ao público feminino e as indagações a respeito deste ocorreram muitos anos depois da existência do formulário, o interesse em averiguar o perfil das mulheres se dá apenas 10 anos depois dessas pesquisas serem iniciadas no cenário prisional. Como pontua Ramos (2011, p. 64), “pensa-se logo nos milhares de homens presos Brasil afora. Contudo, quando se trata da delinquência feminina, muitos se surpreendem com o alto índice de encarceramento, bem como com as múltiplas violações de direitos”. A reflexão que se pode extrair desse contexto é que pouco se tem buscado saber sobre essa parcela da população, consequentemente, poucas medidas têm buscado prover assistência às suas necessidades, dado que se comprova nas mais diversas situações de descaso em relação a esse grupo social, encontradas em estudos que abordam o público carcerário feminino.

A deficiência de informações sobre a criminalidade feminina ocorre não apenas pelo cenário culturalmente construído de subordinação das mulheres em que os papéis que desenvolvem na sociedade são ocultos, mas também pelo baixo número geral do encarceramento feminino considerando a proporção do índice masculino. (Ramos, 2011).

Tendo em vista que o sistema penal no Brasil e mundialmente foi gerado por homens e para homens, e o percentual feminino nesse cenário ser relativamente inferior ao masculino, as necessidades das mulheres são esquecidas na produção de políticas públicas e construções de unidades prisionais. (Cerneka, 2009). Ideia que se comprova nos dados encontrados nas edições do INFOPEN que revelam que a maior parte dos estabelecimentos penais foi projetada para o público masculino, sendo 74%

das unidades direcionadas aos homens, enquanto apenas 7% para o público feminino e outros 16% são descritos como mistos, unidades prisionais masculinas com celas para as mulheres. Em muitos casos, os direitos que deveriam ser garantidos ao gênero, pelas leis estabelecidas no sistema penal, não são postos em prática, como se constata no levantamento do INFOPEN sobre as mulheres gestantes e lactantes privadas de liberdade:

Em relação à capacidade de oferecer espaço adequado para que a mulher privada de liberdade permaneça em contato com seus filhos e possa oferecer cuidados ao longo do período de amamentação, a Tabela 8 demonstra que apenas 14% das unidades femininas ou mistas contam com berçário e/ou centro de referência materno-infantil, que compreendem os espaços destinados a bebês com até 2 anos de idade. As unidades que declararam ser capazes de oferecer este espaço somam uma capacidade total para receber até 467 bebês (Brasil, 2018, p. 31).

Essa realidade aponta para o fato de que a negligência aos direitos básicos da mulher, enquanto mãe, na condição de encarcerada, influencia direta e negativamente na vida de seus filhos. Além de serem apontados como um grupo de risco, os filhos de prisioneiras não são visualizados e estão suscetíveis às situações de pobreza, doença mental, condições precárias de habitação, dentre outros cenários negativos. Ainda que as prisioneiras, na atualidade, sejam a população que mais cresce há relativamente poucos estudos que se centram nas suas experiências únicas como mães no contexto prisional. (Mello; Gauer, 2011). Situações como essa deveriam ser pensadas a fim de que a garantia de direitos amenizasse as complicações que afetam não só as detentas, mas, principalmente, suas famílias. Assim tem-se um contexto em que os direitos são assegurados no papel e esquecidos na prática em relação a essa população no sistema penal do país. Muitas são as situações de displicência em se tratando da mulher no cárcere, ao exemplo Cerneka (2009, p. 64) apresenta a seguinte situação.

No Estado de São Paulo, as pessoas presas sob responsabilidade da Secretaria de Administração Penitenciária (SAP) recebem uniformes quando adentram a unidade. Certa vez, houve a desativação de uma unidade feminina que seria reaberta como masculina. A SAP pediu que a diretora da unidade em referência recolhesse os uniformes das presas, pois poderia redistribuí-los aos homens assim que estes chegassem à unidade. Isto porque o uniforme era feito para os homens e distribuído para as mulheres. Aconteceu que as mulheres customizaram as roupas com bordados e apliques numa tentativa de se sentirem femininas em roupas masculinas. A Secretaria desistiu da ideia.

Relatos como esse, ainda que pareçam irrelevantes, considerando outras necessidades maiores que o uso de um uniforme, reafirmam que a mulher encarcerada é invisível no âmbito em que se encontra, mesmo pelos departamentos responsáveis pela assistência às suas necessidades mais básicas.

Em muitos países, a questão da mulher no cenário criminal, assim como o número crescente cada vez mais assustador desse grupo, põe em questão às diversas organizações e movimentos governamentais e não-governamentais a pergunta: como atender mulheres num mundo carcerário produzido para alojar homens teoricamente violentos? E quando, enfim, iniciam-se debates sobre como progredir o acesso à justiça e ao cumprimento de pena para as mulheres há protestações contra este tipo de diferenciação pela ideia de que seria discriminatório para o homem. (Cerneka, 2009). Assim, essas discussões nunca de fato se efetivam ou trazem resoluções aos problemas encontrados no sistema penal relacionado à mulher, em consequência nunca se conhece quem são essas mulheres, por que foram presas e não se traça o perfil da detenta que por vezes não obtém acesso nem aos direitos mais básicos respectivos ao seu gênero. “Responder às necessidades das mulheres encarceradas significa muito mais do que fornecer absorventes higiênicos e garantir pré-natal para as gestantes e seus bebês. O que, na realidade, seria um bom começo” (Cerneka, 2009, p. 3). Há muito a ser feito no tocante à visibilidade e às garantias dos direitos das encarceradas. Em relação à invisibilidade da mulher nesse cenário, Cerneka (2009, p. 64) evidencia que:

As discussões muitas vezes estão paradas num tempo quando se falava da mulher encarcerada como se houvesse somente uma mulher ou, pelo menos, como se todas tivessem o mesmo perfil [...]. Há mulheres jovens e idosas, negras e brancas, indígenas e estrangeiras, lésbicas e heterossexuais, mães, filhas, esposas, avós e bisavós, católicas e evangélicas, primárias e reincidentes e mais dezenas de categorias que individualizam a população prisional feminina. As razões pelas quais elas foram levadas à prisão também variam de acordo com cada mulher.

Essa afirmação abre espaço para que se pense em uma pluralidade de pessoas diferentes com identidades, faixas etárias, etnias, papéis sociais, orientações sexuais, religiosidades e nacionalidades distintas, que tornam cada uma dessas mulheres, na particularidade dos acontecimentos que as conduziram à prisão, ímpares, portanto não se inserem em um estereótipo de quem é a mulher encarcerada, pois elas são

muitas, com personalidades distintas. Reafirmando essa ideia Ramos (2011, p. 60), diz que:

Muitas mulheres assumem os negócios por necessidade de manter a família, sejam aquelas que apenas estavam no local do flagrante, quando da prisão do companheiro, tal fato revela uma mudança no perfil das mulheres presas por tráfico. Apesar dessa referência, que não pode ser negada, é a necessidade de manutenção da família e das condições econômicas vivenciadas, anteriormente, à prisão dos companheiros ou dos filhos ou mesmo da necessidade financeira que vem levando as mulheres ao trabalho ilícito das drogas.

Não se trata apenas de uma traficante, de uma ladra, de uma assassina, trata-se da mãe que é chefe de um lar, de uma filha que se perdeu nos meios “oportunos” à sua condição econômico-social e muitos outros seriam os exemplos que tornam evidente a displicência ao colocá-las em um único perfil e a não se pensar na diversidade desse grupo social. Cada uma possui uma história que merece ser ouvida, pensada para que se compreenda quem de fato são e, considerando a posição em que o Brasil se encontra no ranking mundial da população carcerária feminina, é extremamente necessário que esse assunto seja colocado em pauta para que se busquem medidas evitando que esse crescente número traga o país ao primeiro lugar no âmbito de população carcerária feminina.

Todo esse cenário faz com que esta pesquisa se proponha a conhecer mulheres que vivem em situação de reclusão, no sistema penitenciário de Balsas - MA, por meio de suas narrativas, das histórias que têm a contar, a fim de que se verifique em suas experiências que mensagens e aspectos os seus discursos trazem, situações que serão averiguadas a partir de análises da linguística textual com foco na análise de narrativas e conversação.

A ANÁLISE DE NARRATIVAS E A LINGUÍSTICA TEXTUAL

É notável o uso das narrativas no cenário cotidiano, que surgem das situações mais corriqueiras às mais extraordinárias. Há sempre uma história a ser contada, um fato a ser relatado, imperceptivelmente, as pessoas efetuam o ato de narrar constantemente. Para Bastos e Biar (2015, p. 3) “Pode-se definir narrativa, pré-teoricamente, como o discurso construído na ação de se contar histórias em contextos

cotidianos ou institucionais, em situações ditas espontâneas ou em situação de entrevista para pesquisa social”.

Dessa forma, utilizar-se-á a abordagem narrativa a fim de que as detentas possam, ao serem entrevistadas, sentirem-se à vontade ao contarem suas experiências de forma que suas histórias transcorram livremente, sem preocupações acerca do que devem falar ou como devem fazê-lo, na situação de entrevista, pois estarão falando de suas próprias histórias e, tratando-se de uma descrição pessoal, os sujeitos passam a não ter dificuldades em produzir discursos mais fluidos, em resultado obtém-se um diálogo repleto de informações referentes às narradoras.

Pode-se associar essa fácil transcorrência de dados ao fato de que ao contar histórias o narrador reinventa o contexto da situação narrada, gera-se um mundo da narrativa, situando-a no tempo e no espaço, inserindo personagens, suas ações e falas. Dentre esses personagens pode estar o próprio narrador que se distancia de si neste ato. Assim, é possível que este reavalie e critique suas ações passadas, apresentando atitudes e emoções relativas a elas. Assim tem-se o filtro crítico e afetivo, pelo qual se produz essas histórias, que, inevitavelmente, estão ligadas aos valores e crenças, à cultura e história do narrador. (Bastos, 2007). Pelo fato de surgir esse filtro que permite ao narrador uma autocrítica a si, enquanto personagem de sua história, os dados obtidos em entrevistas narrativas trazem informações mais íntimas e pessoais sobre o entrevistado que um roteiro de perguntas pronto, eventualmente, não conseguiria abstrair com tanta facilidade.

Essa ideia abre espaço para se veja na entrevista narrativa um espaço de construção de identidades, considerando esta pesquisa como campo de conhecimento dos sujeitos narradores e de suas experiências de vida, pois permite assim identificar quem são por meio de suas histórias uma vez que, “se compreendemos identidade como uma construção social que envolve um processo dinâmico e situado de expor e interpretar quem somos, o relato de narrativas revela-se um locus especialmente propício a essa exposição.” (Bastos, 2007, p. 98). Assim, é possível conhecer os sujeitos, por meio de suas histórias, quando narram suas experiências de vida. É nessa compreensão que aqui se pretende conhecer o grupo social que será entrevistado a fim de que seus discursos, por meio das narrativas,

permitam identificar quem são e que aspectos pessoais as suas narrativas apresentam.

A importância de trazer a narrativa de mulheres encarceradas se dá pelo fato de ser um grupo para o qual não há uma visibilidade social, de forma que não se discutem questões relacionadas às mulheres em reclusão na sociedade, assim, esta pesquisa contribui para que por meio de suas narrativas suas vozes sejam ouvidas, pois “ao contar histórias, situamos os outros e a nós mesmos numa rede de relações sociais, crenças, valores; ou seja, ao contar histórias, estamos construindo identidades” (Bastos, 2007, p. 98). Assim, as narrativas permitirão conhecer quem são essas mulheres e o quem têm a contar sobre si.

Cabe destacar, ainda, que as análises linguísticas aqui abordadas são pertencentes à área da linguagem chamada Linguística Textual (doravante LT), que como a descrição já antecipa, trabalha com textos, não prendendo-se a uma noção única do termo, mas considerando os textos em sua modalidade oral e escrita como objetos de investigação, considerando suas funções, estruturas e todos os aspectos que compõem a sua formação.

A LT explica fenômenos que guiam a produção, a compreensão e materialização dos textos orais e escritos, em diversos contextos comunicativos considerando as relações contextuais, indispensáveis à textualidade. É função da linguística textual cuidar das operações linguísticas e cognitivas que regulam e controlam a produção, construção, funcionamento e recepção dos textos orais ou escritos. (Melo Júnior, 2016). Dessa forma, as análises que aqui serão abordadas compreendem as situações comunicativas em que o texto se desenvolve e se tratando de entrevistas temos o texto em sua modalidade oral, as histórias (narrativas), e escrita pelo registro fiel transcrito da conversação produzida (transcrição), gêneros produzidos a partir da interação comunicativa em um cenário específico. Melo Júnior (2016, p. 20), afirma que:

Tem-se o texto como um evento que envolve processos inerentes à linguagem, ao meio e ao conhecimento que se tem da língua. São realizações orais ou escritas que operam para a comunicação verbal. Em sua produção, levam-se em consideração a produção de sentido e a contextualização. Os gêneros, sejam escritos, sejam orais, são os textos que se realizam nas práticas sociocomunicativas do cotidiano dos falantes e que possuem características e propriedade de função, estilo, composição e conteúdo que os definem. Nesse sentido a

Linguística do Texto sistematiza essas características e propriedades que estruturam e regem os gêneros escritos e orais.

Assim, depreende-se que os gêneros surgem dos textos em práticas sociais de comunicação e a Linguística Textual organiza a forma como esses gêneros se dispõem. Assim, sistematizando as narrativas conversacionais, obtém-se em registro o texto conversacional transcrito, objeto do estudo para a compreensão dos discursos que serão estudados.

A CONSTRUÇÃO DO TEXTO FALADO E A ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO

Koch (2006, p. 40) afirma que “todo texto é resultado de uma coprodução entre interlocutores: o que distingue o texto falado do texto escrito é a forma como tal coprodução se realiza”. A autora evidencia que a construção do texto se dá por meio de um processo colaborativo dos interlocutores em sua comunicação, assim, volta-se aqui ao aprofundamento do que significa o modo como esse processo colaborativo se dá na construção de ambos os textos, considerando que em relação ao primeiro (texto falado), é que foram pautadas as análises desta pesquisa.

No que se refere ao texto escrito, esse processo colaborativo limita-se ao interlocutor para o qual se escreve, onde não há a atuação direta deste na produção linguística do texto, devido à separação entre o escritor e leitor nesse momento de produção. O que não significa que não haja dialogicidade no texto, pois há nessa construção traços evidentes de ação verbal coexistente, ou seja, o escritor exerce a função de produzir o texto ao mesmo tempo em que se torna leitor dele também. (Koch, 2006). Dessa forma, em relação ao texto escrito, pode-se inferir que, a coprodução acontece por meio de um interlocutor que exerce dois papéis da ação comunicativa no momento de construção do texto, ainda que o texto se direcione a outro interlocutor, que não participa desse processo ativamente.

Por outro lado, no texto falado o processo de interlocução é ativo, visto que ambos os interlocutores são partícipes da construção textual, assim tem-se coautores na concretude linguística, numa ação verbal conjunta. (Koch, 2006). Compreendendo agora o texto falado como um processo dialógico, onde ambos os interlocutores são

agentes da produção textual, dedica-se a entender como essa dialogicidade se apresenta nessa produção.

O fato de ser o texto falado produzido numa situação face a face favorece a dialogicidade, entendida, em sentido restrito, como a dinâmica de alternância de turnos na interação. Subentende-se, pois, que, quanto mais intensa for essa alternância, maior será a dialogicidade, sendo a conversação o exemplo prototípico (Koch, 2006, p. 39).

Assim, sendo a dialogicidade representada pelo movimento intercalado dos turnos de fala durante a comunicação e que, quanto maior for esse movimento melhor será realizado o processo dialógico, a conversação se apresenta como a exemplificação ideal de como ocorre essa intercalação durante uma construção textual comunicativa. Aqui se debruça sobre o texto falado em que o contexto são as conversações produzidas nessa pesquisa.

É comum que, em situações conversacionais, a construção do texto se dê de forma descontínua nessa interação face a face, apresentando a sincronia do planejamento e verbalização do texto, que se pode dizer: ocorrem basicamente ao mesmo tempo. (Koch, 2006). Dessa forma, abre-se espaço para a compreensão de processos textuais que compõem o texto falado como: a hesitação, repetição e os marcadores discursivos, importantes sequenciadores interacionais no discurso oral.

Koch (2006) enquadra a hesitação como sendo um dos fenômenos específicos da oralidade e que, não necessariamente, é uma técnica de construção textual, pois está mais relacionada à forma como o texto é processado, emitido. Destarte, as hesitações funcionam como um modo de reelaborar ou repensar o que está sendo dito no momento da transmissão da fala, colocando as intenções do interlocutor em ordem e melhor posicionadas na emissão de seu discurso.

É com base na concepção de que a língua é uma entidade que existe em si por si que Marchuschi (2006) apresenta a hesitação como parte do uso e não do sistema formal da língua, e, dessa forma, a hesitação se torna objeto de estudo da gramática do português falado, o que torna evidente a importância desse processo textual comum da oralidade.

Quando se fala de um processo textual do texto falado é fundamental que se apresente suas funções e a forma com ele se materializa no texto. No entanto, mais imprescindível ainda é tornar evidente e transparente o seu significado. Aqui se atém

ao significado do processo textual denominado repetição, assim também como seu papel no tocante à situação comunicativa interacional do texto falado.

Considerando que a repetição no contexto interacional aqui abordado é analisada no texto falado, é importante destacar as observações de Marchuschi (2006) quando apresenta a diferença do uso da repetição no texto escrito em relação ao texto falado. O autor aponta o fato de que na escrita é possível revisar e editar o texto, que, em sua versão final, apresenta um uso reduzido das repetições devido aos apagamentos realizados na edição textual. Por outro lado, no texto falado não se pode excluir os constituintes da fala, as repetições aparecem frequentemente, pois fazem parte da formulação textual. De acordo com Marchuschi (2006), um exemplo dessa ocorrência no texto falado é que a cada cinco palavras, em média, uma é repetida. Essa frequência torna a repetição um dos processos textuais imprescindíveis de serem analisados na oralidade da língua. Compreendendo o valor da repetição na fala, volta-se agora a apreender melhor o significado desse processo textual.

Nesse contexto, sabe-se, intuitivamente, que repetir é reproduzir um mesmo componente linguístico uma ou mais vezes. Porém, a repetição não é simplesmente uma ação redundante, visto que ela exprime algo novo. Isto se explica, por exemplo, com o fato de que em determinadas ocasiões alguns marcadores discursivos poderão indicar uma repetição, mas não necessariamente expressarão uma mesma ideia (Marchuschi, 2006). Desse modo, ainda que numa construção discursiva se tenha um segmento repetido duas ou mais vezes, seu significado na repetição mudará de acordo com os sentidos estabelecidos na comunicação dialógica textual-interativa. Assim, depreende-se que, embora ocorra uma indicação repetitiva, por meio do uso de alguns marcadores e outros segmentos linguísticos, esses componentes podem na sua sequência apresentar significados distintos na formulação textual.

Assim, a repetição é um processo flexível operacional, e, dessa forma desenvolve, no que compete à língua falada, diversificadas funções linguísticas que envolvem a estruturação do discurso e a conexão das ideias na construção comunicativa do texto. Além disso, organiza a dialogicidade no processo interacional, o que promove uma situação comunicativa melhor desenvolvida pelos interlocutores que, numa ação colaborativa, constroem o texto falado.

Dessa forma, a repetição se mostra um processo textual que rege todas as áreas essenciais à construção discursiva-textual dentro do processo interacional dos falantes que, durante a interação, produzem, mesmo que inconsciente, expressões repetitivas em sua comunicação (Marcuschi, 2015).

Sabe-se que um ponto em comum do qual a hesitação e a repetição compartilham é o uso dos marcadores discursivos, que também são processos textuais importantes no contexto interacional da construção do texto falado. Aqui se aborda o uso dos marcadores discursivos, comumente utilizados na língua falada. Para que se compreenda, de antemão, esse processo textual introduz-se as palavras:

Marcadores discursivos são itens linguísticos que funcionam nos domínios cognitivo- expressivo, social e textual e que emergem da interação falante/ouvinte e são provenientes de outras categorias gramaticais, por processo de gramaticalização, tais como formas verbais (entendeu? e sabe?), reduções frasais (né?), adjetivos (certo?). (Freitag; Silva; Evangelista, 2017, p. 55)

Por meio dessa definição pode-se inferir que, os marcadores atuam nas competências intelectuais e de significações do texto no processo interacional dos interlocutores na comunicação. Também englobam aspectos relacionados à situação comunicativa no que tange os elementos sociais que envolvem os agentes colaboradores partícipes da dialogicidade discursiva construída nessa interlocução. Depreende-se também que os marcadores surgem por meio de outras classes gramaticais, assim são constituintes linguísticos derivados de outros que, dependendo do contexto comunicativo, adequam-se melhor e substituem as classes das quais se originam.

Segundo Freitag, Silva e Evangelista (2017), o uso dos marcadores discursivos pelo falante em contexto interacional contempla a organização textual e discursiva, pois além de propiciarem a intercalação de turnos no processo interativo, possibilita escalar e compartilhar sentidos e exteriorizam a ótica dos falantes. Dessa forma, os marcadores atuam em âmbitos que vão além da estruturação do texto falado, visto que viabilizam registrar as impressões e pontos de vista dos participantes no diálogo produzido. (Freitag; Silva; Evangelista, 2017). Corroborando essa ideia, Oliveira (2012) aponta que, no que se refere à composição semântica, os marcadores apontam os consecutivos subtópicos, designados pelo falante em sua construção discursiva. Por outro lado, no tocante aos aspectos sintáticos, os marcadores

conectam os constituintes discursivos desempenhando papéis anafóricos e catafóricos simultaneamente. Isso implica dizer que, nessa conexão das unidades que compõem o discurso, ideias anteriormente levantadas por um termo são retomadas pelo uso dos marcadores, assim também como um termo ao final da construção discursiva recobra o sentido de outro termo mencionado no início ou durante a formulação frasal.

Por conseguinte, esse processo textual reorganiza as intenções discursivas de acordo com o desenrolar das informações na conversação produzida pelos interactantes. Além disso, posiciona-os em relação ao assunto abordado no discurso, como também serve de termômetro para conferir a concentração dos interlocutores em relação ao assunto abordado no diálogo, guiando-os a desenvolver melhor suas argumentações nas trocas de turnos da fala.

Conforme Oliveira (2012), tendo em conta o papel principal dos marcadores discursivos (MDs), que é contribuir com a progressão da interação dos falantes, promovendo conexões coesivas discursivas, os marcadores assim não atuam em uma única função no contexto comunicativo, mas são capaz de executar diversificadas funções ao mesmo tempo.

Em suma, pode-se resumir a importância do uso desse processo textual na construção interativa do discurso nas palavras de Oliveira (2012, p. 51): “de modo geral, os MDs têm função textual argumentativa, pois coordenam, subordinam, especificam etc., isto é, orientam e/ou organizam o discurso, conforme as estratégias desenvolvidas pelos falantes”. Assim os MDs constituem-se como um dos principais processos textuais que conduzem e formam de modo coeso a construção discursiva.

Adentrando nas palavras de Marcuschi (1998, p. 5) “a conversação é a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora”. Significa dizer que a todo instante para nos comunicarmos é preciso que ocorra um diálogo e geralmente ele estará pontuado de perguntas e respostas, ou então com asserções e réplicas.

A conversação é uma ação comunicativa que ocorre numa situação de fala, em que dois ou mais interactantes produzem o processo conversacional, a partir das ideias desenvolvidas nos turnos de fala, das objetivações traçadas, do contexto no qual se inserem os participantes. (Melo Júnior, 2016). Dessa forma é tida como objeto

de estudos a fim de que por meio de sua análise crie-se o registro fiel dessas situações comunicativas, captando não só o diálogo, mas todo um conjunto fatores que compõem essa interação, abstraindo também as intenções dos interactantes nesse processo. Como afirma, Marcuschi:

Em primeiro lugar e, ela é a prática social mais comum no dia-a-dia do ser humano; em segundo desenvolve espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real, sendo uma das formas mais eficientes de controle social imediato; por fim exige uma enorme coordenação de ações que exorbitam em muito a simples habilidade linguística dos falantes. (Marcuschi, 1998, p. 5)

Assim, a conversação é o meio pelo qual pode-se investigar identidades sociais permitindo que se verifique nesse processo não apenas os recursos linguísticos dos indivíduos que dela participam, mas também todos os aspectos que envolvem esse ato comunicativo.

Logo, questões originalmente voltadas à forma organizacional da prática conversacional voltam-se a investigar os conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais imbricados no evento da conversação, interpretando esses conhecimentos. (Martellota, 2011). Por meio do registro transcrito da conversação é possível que se façam análises desses conhecimentos, revelando assim a importância da AC que não se atém apenas à análise estrutural da fala, mas também aos sentidos e percepções extraídos dela que permitem identificar, inclusive, aspectos sociais percebidos na conversação.

ASPECTOS LINGÜÍSTICOS E INTERATIVOS DAS NARRATIVAS NO CÁRCERE

Neste capítulo são apresentados os dados e as respectivas análises e discussões alcançados nesta pesquisa. Os dados foram analisados sob a perspectiva qualitativa, visando às questões relacionadas a um grupo de detentas, compreendendo-as como parte de um grupo social. No que se refere à coleta dos dados, a penitenciária foi o campo de investigação para a realização de 5 entrevistas gravadas com mulheres que concordaram em participar da pesquisa e esse material faz parte de um banco de dados de pesquisadores da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) que fazem estudos sobre narrativas e identidades. O critério para

a escolha das duas entrevistas narrativas aqui analisadas deu-se em virtude de não terem sido estudadas ainda em outras pesquisas feitas pelo grupo de estudos.

O campo de Pesquisa foi o Sistema Penitenciário de Balsas – MA, fundado em 01 de dezembro de 2014. A Penitenciária atende a cidade de Balsas e regiões circunvizinhas, atualmente possui um número geral de 182 detentos, desse total 6 são mulheres. O presídio possui 30 celas coletivas e são separadas por gênero, não há celas mistas onde homens e mulheres convivam juntos. Em relação à estrutura do local, existem espaços voltados à educação, progressão comportamental e ressocialização dos internos, como: sala de aula, biblioteca e oficinas terapêuticas.

Para atender às necessidades dos detentos, a Penitenciária conta com os setores de atendimento psicológico, assistência jurídica, social, à saúde, religiosa, material e assistência educacional.

Um fator importante da ressocialização no Sistema Penitenciário é a educação. De acordo com a Diretora Administrativa do local, existe uma meta a ser cumprida pelos internos para se inscreverem nos programas educativos. Os detentos participam de processos sociais como eleições, processos seletivos educacionais como o ENCCEJA (Exame Nacional Para Certificação de Competências de Jovens e Adultos) e ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), além de outras atividades como a leitura que contribui como parte da remissão dos internos para reduzir os dias de pena conforme a quantidade de livros que leem. Participam, ainda, de cursos e oficinas disponibilizadas pela gestão, a fim de contribuir com a progressão comportamental, social e educacional.

Esta pesquisa cercou-se de todos os cuidados éticos e consentimentos necessários, respeitando as normas de segurança do local. Considerando que as narrativas proporcionam uma situação confortável ao entrevistado em relação à fluidez do seu discurso que não necessariamente segue um roteiro de perguntas prontas. Para iniciar utilizou-se apenas perguntas introdutórias pontuais acerca da pessoa entrevistada: “Quem é você?” e “Qual é a sua história?”, assim o diálogo é composto por inúmeras informações sobre o narrador. As entrevistas gravadas foram realizadas com duas internas da unidade prisional, onde cada uma pôde, individualmente, relatar a sua história. A pesquisadora também fez parte da interação e foi importante para que durante a gravação da entrevista houvesse uma interação e

compreensão acerca dos fatos e ideias por elas narrados. Por fim, foram realizadas as transcrições para o prosseguimento das análises já supracitadas.

A seguir apresenta-se um breve histórico das entrevistadas, sendo a primeira a história de Eliane (nome fictício dado à entrevistada). Eliane está na unidade prisional desde 2015, quando foi presa por ser cúmplice do marido em operações ilícitas. Sua primeira sentença de reclusão determinou que ficasse na unidade prisional por 9 anos e na segunda sentença foram estabelecidos 21 anos de prisão. Ela afirma não ter estabelecido a quantidade exata de anos em que cumprirá a sua pena devido ainda estar em andamento o processo relacionado a segunda sentença. A entrevistada ainda diz que a obsessão em proteger o marido a levou à reclusão. Em seu relato, Eliane exprime como é difícil estar presa e não conseguir acompanhar o crescimento dos filhos. Também relata como foi difícil se adaptar a estar tão longe de sua família e declara as lições que aprendeu durante o processo de reclusão e como ele tem contribuído para torná-la uma pessoa melhor, dentre outros tópicos analisados por meio de seu discurso.

Na segunda entrevista tem-se a história de Clara (nome fictício dado à entrevistada), que veio ao cárcere por ter sido considerada conivente com seu marido pelo abuso sexual que este realizou com a filha de Clara. Ela declara em sua narrativa o medo que sentia dele, revelando que era agredida e ameaçada e que por vezes tentou de alguma forma denunciá-lo, mas não conseguiu êxito. Na entrevista Clara ainda declara que estava há três anos no sistema prisional e que seu ex-marido saiu da reclusão antes dela. A entrevistada ainda relata a dor de estar longe da família e as perdas que a reclusão lhe trouxe. Ela afirma ter aprendido a não se calar diante de situações como a que ela enfrentou com a sua filha e espera poder sair e reconstruir sua vida realizando sonhos que adquiriu dentro da unidade prisional.

Considerando as teorias já expostas sobre as narrativas e conversações, inicia-se a análise dos dados que foram construídos neste estudo. As análises feitas se deram sob uma perspectiva linguístico-discursiva em que se ressaltam os processos textuais da construção do texto falado. As conversações produzidas são importantes para compreender como os indivíduos se constroem discursivamente e como desenvolvem a fala por meio de termos hesitativos, repetitivos e diversificados

marcadores discursivos que revelam aspectos emocionais, comportamentais, identitários, sociais, dentre outros âmbitos que compõem a história de cada indivíduo.

Entende-se essa teoria na definição de um dos processos textuais já abordados nesta pesquisa, os marcadores discursivos que, como Schiffrin (1998) afirma, é um agrupado de elementos linguísticos que atuam sobre os campos sociais, expressivos como também nas propriedades cognitivas e textuais movendo dois aspectos da informação comunicativa intrinsecamente relacionados: o social e o expressivo, denominados como a habilidade do indivíduo no ato comunicativo de utilizar a linguagem para apresentar suas identidades individuais e sociais, propagar comportamentos e ações e mediar conexões entre eu e o outro. É possível perceber algumas dessas funções no seguinte excerto:

Quadro 1 - Excerto 1

| | | |
|----|--------------|--|
| 11 | Pesquisadora | então... às vezes... as pessoas que a gente entrevista |
| 12 | | dizem assim::: mas por que que eu vou contar a minha |
| 13 | | história? é porque a tua história ela pode ser um exemplo |
| 14 | | para outras mulheres também entendeu? Ela pode ser um |
| 15 | | exemplo para dar força para alguém... para dar esperança |
| 16 | | para alguém né? e nada do que você vai falar nem o seu |
| 17 | | nome... nem as coisas particulares que você disser... vão |
| 18 | | ser identificadas como suas, entendeu? ela vai ser como |
| 19 | | uma coisa geral que foi dita por uma pessoa que estava na |
| 20 | | penitenciária... tá... então você pode falar livremente... o |
| 21 | | que você quiser e eu começo perguntando assim::: qual é |
| 22 | | a sua história? |

Fonte: Elaboração das autoras

Nessa introdução da entrevista à Eliane em que a pesquisadora inicia a entrevista, o uso dos marcadores “entendeu”, “né” e “tá” nas linhas 14, 16, 20, respectivamente, apontam para a função de mediar conexões entre o eu e o outro. Assim ao mesmo tempo em que o falante explica o que está sendo proposto, certifica-se por meio desses marcadores se o receptor o entendeu para que a conversação se

desenvolva e para que assim, compreendendo as informações, a entrevistada sintasse confortável para contar a sua história percebendo a importância da sua narrativa para outras mulheres também.

Desvendando ainda o conceito abordado sobre os marcadores, no que se refere à apresentação das identidades sociais e individuais como também dos comportamentos e ações do falante, tem-se o seguinte excerto:

Quadro 2 - Excerto 2

| | | |
|----|--------|---|
| 38 | Eliane | então assim... pode colocar o meu nome pode colocar a minha |
| 39 | | foto... eu não tenho vergonha... porque assim... se eu tiver de |
| 40 | | ter vergonha...eu tenho que ter vergonha por muitas outras |
| 41 | | coisas que eu já fiz na vida... e não por um dia eu ter passado |
| 42 | | por aqui... porque aqui... apesar de ser um lugar de reclusão... |
| 43 | | é um lugar onde a gente aprende mu::ita coisa... assim... eu |
| 44 | | aprendi mu::ito mu:ito mesmo eu aprendi mu:ita coisa e |
| 45 | | continuo aprendendo... tipo... lidar com as pessoas que é uma |
| 46 | | coisa que eu não sabia... né? Então na... quando eu vivia lá |
| 47 | | fora eu tinha... ainda tenho né... mas já estou... digamos o |
| 48 | | seguinte... que eu tenho assim... vamos dizer que eu estou com |
| 49 | | 80% desse problema tratado né? o tal do sociofobia né... o |
| 50 | | rapaz tá ali... então assim... ele tá me ajudado muito e... eu... |
| 51 | | eu... acredito que... esse problema tá bem... |

Fonte: Elaboração das autoras

Nesse trecho a entrevistada comenta o quanto tem aprendido dentro da reclusão, revelando aspectos de sua progressão comportamental, essa ideia é confirmada pelo uso dos marcadores como fenômenos prosódicos. Assim o alongamento na entonação das palavras “muito” e “muita”, na linha 44, do excerto, revelam que Eliane vê a unidade prisional como um ambiente positivo no sentido de contribuir com o problema de se relacionar com as pessoas no ambiente em que se encontra. Além disso as palavras aqui analisadas se constituem ainda como um outro

processo textual abordado neste estudo: a repetição. O fato dos termos “muito” e “muita” além de alongados, terem sido ditos mais de uma vez, também apontam com que intensidade ela considera que o processo de reclusão tem sido benéfico à sua mudança.

Nas linhas 46 a 49, “coisa que eu não sabia... né? Então na... quando eu vivia lá fora eu tinha... ainda tenho né... mas já estou... digamos o seguinte... que eu tenho assim... vamos dizer que eu estou com 80% desse problema tratado né?”, a entrevistada utiliza o marcador “né”, forma repetida, que tem a função de facilitar sua tomada de turno, assim como os referentes “tipo” e “vamos dizer” que funcionam como marcadores discursivos basicamente interacionais e que servem para dar sequência ao discurso.

É importante perceber o quanto e como esses processos textuais contribuem para a formação e reformulação de ideias no discurso da pessoa entrevistada, que imperceptivelmente entrega por meio do uso desses processos aspectos pessoais relativos aos seus sentimentos e impressões ao contar suas narrativas. Voltando à ideia de como Eliane sentiu ter melhorado dentro da reclusão, cabe aqui destacar suas falas a respeito de como se sentia no início da situação apresentada:

Quadro 3 - Excerto 3

| | | |
|-----|--------|--|
| 167 | Eliane | isso...desde dois mil e quinze...então assim... foi uma mudança |
| 168 | | muito grande...então antes eu era muito... muito agressiva... |
| 169 | | muito arrogante... muito bruta...eu não... digamos que eu não... |
| 170 | | era uma pessoa muito acessível... eu não gostava de |
| 171 | | conversar com ninguém... de...nem de olhar... que nem eu |
| 172 | | estou olhando assim no olho... porque pra mim...eu...eu não |
| 173 | | gostava das pessoas...eu não vou negar... eu não gostava de |
| 174 | | ninguém... eu... pra mim todo mundo me odiava... e eu odiava |
| 175 | | todo mundo... então todo mundo ...me queria fazer o mal...e eu |
| 176 | | também queria reagir da mesma forma... todo mundo que |
| 177 | | chegasse perto de mim queria me fazer o mal... então eu ia |
| 178 | | |

| | | |
|-----|--|--|
| 179 | | retribuir da mesma forma...então com o passar do tempo eu fui vendo... |
|-----|--|--|

Fonte: Elaboração das autoras.

Aqui tem-se novamente o processo repetição apresentado pelo uso dos termos “muito” nas linhas 168 a 170. Assim, Eliane apresenta por meio dessas repetições uma noção exacerbada de um comportamento agressivo. Essa ideia continua se confirmando por meio das expressões “não gostava” e “odiava” nas linhas 173, 174.

O uso repetitivo da expressão “todo mundo” enfatiza a forma como, no primeiro momento, a reclusão causava revolta, medo e angústia à pessoa do discurso. Considerando a multifuncionalidade das repetições, as expressões repetitivas aqui apresentadas sob o plano da argumentatividade e da compreensão reafirmam uma ideia expressa pela interlocutora e fortalece a intensificação e o esclarecimento de seus sentimentos relacionados às informações que compõem a sua narrativa.

Na linha 177, “então eu ia retribuir da mesma forma...então com o passar do tempo eu fui vendo”, o referente “então”, que também vem repetido, tem a função de marcador discursivo que desempenha a função de orientar a interação. Esses marcadores têm função de sequenciadores discursivos auxiliando na compreensão do discurso falado. Além disso, as entrevistadas, em suas narrativas, expressaram também o quanto é importante receber pessoas que queiram falar com elas, no ambiente em que vivem, expressando a solidão que, por vezes, sentem na unidade prisional.

É perceptível, na voz de Clara, como ela percebe o olhar de muitos na sociedade em relação às pessoas reclusas, essa ideia é vista ainda no seguinte trecho:

Quadro 4 - Excerto 4

| | | |
|-----|-------|--|
| 220 | Clara | sente receio...sente nojo da gente...tem muita gente que lá fora pensa |
| 221 | | isso...pensa que a gente aqui é um bicho qualquer...depende a |
| 222 | | pessoa saber se cuidar, saber tratar as pessoas... |

Fonte: Elaboração das autoras.

Aqui a narradora evidencia sentir uma visão preconceituosa das pessoas do ambiente externo em relação aos encarcerados, como ela declara na linha 221, são vistos como “bicho”, termo que revela uma ideia de medo, descaso e mesmo repulsão das pessoas em relação àqueles que se encontram dentro das unidades prisionais. É importante nessa construção do discurso perceber o uso repetitivo da palavra “gente” nas linhas 220 e 221, essa repetição se dá porque mesmo que inconsciente a falante sente o desejo de deixar explícito que ela não é da forma como as pessoas a observam, portanto cada vez que é repetido o termo em questão é imprimido também o desejo da narradora de ser vista sobre outra perspectiva, de uma forma mais humanizada, que outras pessoas não sintam medo, receio ou repulsa, que a vejam como igual.

Considerando ainda a forma como as entrevistadas se sentem estando na unidade prisional, Eliane fala sobre como é difícil estar longe dos filhos:

Quadro 5 - Excerto 5

| | | |
|-----|--------|---|
| 180 | Eliane | que não era aquilo... e assim... a falta que meus filhos me |
| 181 | | fazem até hoje... é muito imensa... muito grande...e é o que |
| 182 | | mais dói... o que mais dói é a falta das crianças que assim... lá |
| 183 | | fora...era assim... o meu alicerce de levantar de manhã... fazer |
| 184 | | o café dar banho... arrumar o cabelo... levar na escola... voltar |
| 185 | | fazer o almoço... ir buscar... chegar...e já tá tudo pronto... e |
| 186 | | mãe... mamãe... mãe... e banhar de novo e levar |
| 187 | | outra...turminha pra escola e fazer o lanche...e deixar pra os |
| 188 | | que tá em casa e levar pra... e assim... é uma correria |
| 189 | | maravilhosa...que quem é mãe de verdade sabe... que é muito |
| 190 | | gostoso cuidar dos filhos... |

Fonte: Elaboração das autoras.

Quando se refere à falta que seus filhos lhe fazem, a entrevistada utiliza as expressões na linha 181 “muito imensa” e “muito grande”, apesar de em primeiro plano essas expressões apresentarem uma ideia redundante não o são, pois as expressões repetitivas são utilizadas com verdadeiros propósitos discursivos, o que ainda engloba

o plano da compreensão sobre o qual as repetições se manifestam. Dessa forma, ao utilizar expressões que apresentam uma mesma ideia, a interlocutora fortalece a intensificação e o esclarecimento de seu sofrimento, apresentando em seguida o quão profunda é a sua dor por meio de mais expressões repetitivas e que se enquadram também como expressões do processo textual hesitação, na linha 181- 182: “é o que mais dói... o que mais dói é a falta das crianças”.

A primeira entrada do segmento “o que mais dói” mostra um dos fenômenos por meio do quais a hesitação pode se apresentar no texto: os itens lexicais. Assim, o verbo “dói” é dito de forma hesitativa, o que apresenta a noção de como para a interlocutora é difícil lembrar que não pode acompanhar os seus filhos no dia a dia. Por meio dessa hesitação é possível notar a entonação emotiva quando a narradora se refere aos filhos. Assim, por um momento hesita e para antes de prosseguir repetindo a mesma expressão: “o que mais dói é a falta das crianças”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos expostos desta pesquisa, conclui-se na análise linguístico-discursiva aqui realizada que as narrativas apresentadas pelas mulheres encarceradas permitem que se conheça um grupo ainda pouco visualizado no âmbito social, considerando a posição em que o Brasil se encontra no quadro de países que mais encarceram mulheres no mundo.

Assim, foi possível visualizar como o discurso é importante para conhecermos um indivíduo durante uma interação. Dessa forma, no que compete à Linguística Textual, em relação à oralidade da língua, a Análise da Conversação é imprescindível para conhecermos o perfil e a identidade das pessoas, como também os aspectos mais importantes de suas histórias no contexto interacional da entrevista. Por meio dos processos textuais que englobam a construção do texto falado foi possível captar, na situação comunicativa, muitas informações sobre as mulheres aqui apresentadas. Por conseguinte, as análises aqui realizadas permitem que se possa conhecer informações e aspectos pessoais das entrevistadas, de forma a evidenciar esse grupo social e colocar em discussão questões relacionadas a ele que ainda sejam desconhecidas da sociedade.

Assim, percebe-se a relevância da análise conversacional por meio da evidenciação de processos textuais como a hesitação, repetição e os marcadores discursivos na construção do texto produzido durante a entrevista. Esses processos contribuem para entender melhor o sujeito ao relatar sua história, considerando as suas ações, comportamentos, impressões, sentimentos, anseios e objetivos. Dessa forma foi possível ver nesses relatos duas mulheres distintas, porém percebidas também duas mães que sentem saudade dos filhos e dos familiares, duas pessoas que cometeram erros, mas que, por meio da justiça, procuram se direcionar a caminhos corretos. Também foram visualizadas, nos discursos apresentados, mulheres que sofrem, que amam, que têm sonhos e expectativas de reconstruir uma vida após a reclusão e que almejam construir a vida de uma forma diferente de antes do processo reclusivo. Foi possível ainda perceber a contribuição dessas narrativas a outras mulheres que possam vir a experienciar a mesma situação que as entrevistadas, por meio de mensagens de esperança e o desejo de melhorar como pessoas.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, L. C. **Desvendando discursos**: conceitos básicos. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.
- BASTOS, L. C.; BIAR, L. A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 31, p. 97-126, 2015.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - INFOPEN Mulheres**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Justiça e da Segurança Pública: Departamento Penitenciário Nacional, 2018.
- CERNEKA, H. A. Homens que menstruam: considerações acerca do sistema prisional às especificidades da mulher. **Veredas do Direito**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 61-78, 2009.
- FREITAG, R. M.; SILVA, R. B.; EVANGELISTA, F. R. S. **Marcadores Discursivos interacionais**: diferentes metodologias, diferentes resultados. Sergipe: Diacrítica, 2017.
- KOCH, I. G. V. **Especificidade do Texto Falado**. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org). Gramática do português culto falado no Brasil. Campinas: Ed. UNICAMP, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

MARCHUSCHI, L. A. **Hesitação**. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2006.

MARCUSCHI, L. A. Repetição. In: JUBRAN, C. S. (org.). **A Construção do Texto Falado**: Gramática do Português Culto Falado no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.

MELLO, D. C.; GAUER, G. Vivências da Maternidade em uma prisão feminina do Estado do Rio Grande do Sul. **Saúde & Transformação Social**, Florianópolis, v.1, n.3, p.113-121, 2011.

MELO JÚNIOR, J. N. B. **Aspectos Textuais e Conversacionais na entrevista oral no radiojornalismo alagoano**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

OLIVEIRA, I. G. **O uso de Marcadores Discursivos em textos redacionais**. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

RAMOS, L. S. **Direitos Sexuais e Reprodutivos no Cárcere em Dois Atos**: Maternidade e Visita Íntima. Instituto de Direito Público Brasileiro (IDP). Brasília, DF, 2011. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/10978/1/2015_NadielAlvesFranco.pdf. Acesso em: mar. 2023.

SCHIFFRIN, D. **Approaches to discourse**. Oxford: Blackwell, 1998.

Sobre as autoras

Marta Helena Facco Piovesan

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS-RS. Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em "Atualização Pedagógica" pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em "Perspectiva Críticas da Literatura Contemporânea" pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Possui Graduação em Letras -Português e Literatura- pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras "Imaculada Conceição" (1985) - FIC de Santa Maria no RS. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Maranhão- UEMA, docente lotada no Departamento de Letras do Campus Balsas. Faz parte do Grupo de pesquisa ATEMA (Atlas Toponímico do Estado do Maranhão) e é pesquisadora na área de Narrativas e Identidades.

Marizethe Sousa Bezerra

Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA. Tem experiência na área de Letras, em Língua Portuguesa e Língua Inglesa, Literatura e Redação atuando no Ensino Fundamental e Ensino Médio nas respectivas áreas da Licenciatura em Letras.